

O VÍDEO NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

THE USE OF VIDEOS IN GEOGRAPHY CLASSES: A METHODOLOGICAL PURPOSE

Juliana Faria BORGES¹

RESUMO: O crescente uso de recursos tecnológicos no cotidiano dos alunos tem sido encarado como mais uma das causas do insucesso do ensino formal. Tal situação impõe a necessidade de adequações metodológicas de forma a agregar tais recursos como ferramentas pedagógicas. O presente estudo consiste na realização de uma proposição metodológica alternativa que agrega os recursos tecnológicos aos procedimentos de ensino através da utilização do vídeo como ferramenta pedagógica, de forma a possibilitar maior interesse e interação nas aulas de Geografia e, conseqüentemente, ampliar o conhecimento dos alunos sobre o espaço em que estão inseridos. O estudo demonstrou que a metodologia adotada permitiu a utilização de recursos tecnológicos disponíveis a considerável parcela da população jovem e foi eficiente para proporcionar maior interesse e participação dos alunos na situação analisada. A utilização da metodologia proposta a partir do uso do vídeo como recurso pedagógico associado a vivência do aluno, quando bem planejado pelo professor, pode se tornar um meio inovador e motivador capaz de melhorar a qualidade do ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia. Recursos Tecnológicos. Ensino. Geografia.

INTRODUÇÃO

O crescente uso de tecnologias na sociedade do século XXI leva a necessidade de mudanças metodológicas na escola de forma a atrair a atenção dos alunos, que cada vez menos se interessam por aulas que utilizam metodologias tradicionais. Um caminho frequentemente seguido pelos educadores é a diversificação das linguagens e recursos no ensino. O uso de mídias impressas e eletrônicas, músicas e vídeos têm a capacidade de suscitar a curiosidade e motivar os alunos a pesquisar, buscar alternativas, por que não soluções para problemáticas das mais diversas.

O vídeo como recurso na metodologia de ensino vem sendo cada vez mais utilizado, pelas diversas possibilidades que ele oferece de conduzir o processo de ensino-aprendizagem. Partindo-se sempre do real, do concreto e mexendo com todos os nossos sentidos, esse método permite a experiência do mundo exterior e de nosso próprio ser (MORAM, 2004).

Uma vez que o ensino baseado em aulas expositivas torna a aprendizagem cansativa e monótona, o vídeo, se bem planejado, possibilita transformar conteúdos complexos e desinteressantes em aulas mais dinâmicas e prazerosas. Sabemos que nem toda informação se traduz em absorção de conhecimento, em aproveitamento da informação de forma consciente e crítica, por isso não se trata de uma proposta

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Endereço eletrônico: jhujhufb@hotmail.com

que vise abandonar o uso da leitura, da escrita e da oralidade no ensino dos conteúdos geográficos, trata-se de considerar que eles podem não ser suficientes diante de alunos inseridos numa sociedade tecnológica que se modifica de forma rápida e constante.

A proposta considera que o vídeo tem a capacidade de complementar o trabalho mediado pelo professor de forma a atrair a atenção dos alunos e promover a interação entre eles, possibilitando a construção de conhecimento em um ambiente no qual sejam valorizadas as experiências com a realidade. Também é necessário esclarecer que o uso do vídeo como ferramenta de ensino não pode ser banalizado, uma vez que o seu uso com seriedade e comprometimento evita que ele seja visto pelo aluno e pelos profissionais de educação como “tapa-buracos”, de acordo com Moram (1995).

O objetivo geral deste estudo consiste em refletir sobre o uso do vídeo no ensino de Geografia e propor uma metodologia alternativa baseada na produção de vídeos pelos alunos. Os objetivos específicos baseiam-se em verificar a importância do uso do vídeo como ferramenta de ensino nas aulas de Geografia; propor uma forma alternativa de uso do vídeo e incentivar a produção de vídeos criativos nas aulas, para instigar e levar a compreensão do conteúdo, e refletir sobre a contribuição do vídeo na motivação, apreensão do conteúdo e ampliação de conhecimentos pelos alunos.

ENSINO DE GEOGRAFIA E O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Desde quando se tornou uma disciplina obrigatória e autônoma no ensino regular, para o nível básico de ensino em 1837, por determinação do currículo oficial brasileiro segundo Souza e Pezzato (2010), a Geografia avançou significativamente quanto ao seu método e objetos, porém até hoje sofre com o desinteresse dos alunos e a falta de respostas expressivas sobre o “porque” de estudar Geografia. Vesentini (2008) levanta essa questão afirmando que aos alunos de 1º e 2º graus não interessam saber o que é Geografia ou como se deu a formação do pensamento geográfico ao longo da história, mas o que realmente interessa é o “porque” e “para que” estudar Geografia. O referido autor coloca ainda que o ensino não deve partir de cima para baixo, como ocorre em formas tradicionais de ensino, onde o conhecimento nasce na academia para chegar ao ambiente escolar, mas deve ser de baixo para cima no qual as dúvidas e a construção do saber partem do aluno.

Destacam-se duas das principais fontes desse desinteresse crônico e até antipatia pela disciplina por parte dos alunos. O primeiro refere-se à falta de clareza do papel da ciência geográfica para os próprios professores,

Ou a Geografia se torna útil para os “não-geógrafos” (nossos alunos em especial), ou ela tende a desaparecer! Ou vai continuar diluída como mera “ocupação” dos alunos com informações diversas. Uma espécie de “programa de variedades” que fala de todos os lugares e povos diversos e distantes. Só que sem cores e sons. Chatice, portanto. Logo, há muito a fazer para que sejamos ouvidos, mas ouvidos com interesse! Ter menos medo do novo! (KAECHER, 2009, p.230)

O segundo está intrinsecamente ligado ao primeiro, e diz respeito à recorrência ainda hoje de práticas tradicionais adotadas pelos professores em sala de aula, tornando a disciplina descritiva e de memorização além de estar distante da realidade vivida. Cavalcanti (2006, p.66), ao discorrer sobre o assunto levanta essa problemática, e aponta alternativas para superá-la:

Quando o professor defronta-se com a realidade da Geografia escolar e reflete sobre ela, pode distinguir dois tipos de práticas, uma que é instituída, tradicional; outras que são as práticas alternativas, que já é realidade em muitos casos. De um lado, uma prática marcada por mecanismos conhecidos de antemão: a reprodução de conteúdos, a consideração de conteúdos como inquestionáveis, acabados, o formalismo, o verbalismo, a memorização. De outro algumas experiências e alguns encaminhamentos que começam a ganhar consistência, fundamentados, em muitos casos, em visões construtivistas de ensino.

Quando o professor estimula o estudo da realidade local pelo aluno, leva-o a compreender o “porque” de estudar Geografia, pois assim o aluno consegue se situar como integrante daquele espaço. Ao estudar as relações ocorridas no município onde mora, sejam elas políticas, econômicas ou culturais, ele compreende que a organização daquele espaço é reflexo da interação da sociedade global. Callai (1998, p. 81-82) cita duas vantagens de estudar o município,

Estudar o município tem pelo menos duas vantagens: o aluno tem condições de reconhecer-se como cidadão em uma realidade que é a da sua vida concreta, apropriando-se das informações e compreendendo como se dão as relações sociais e a construção do espaço. A outra vantagem é pedagógica, pois, ao estudar algo que é vivenciado pelo aluno, são muito maiores as chances de sucesso, de se tornar um aprendiz mais conseqüente.

A transformação dos objetivos da ciência geográfica da mera informação para algo que tenha aplicabilidade na vida do aluno é uma necessidade que passa pela mediação entre a realidade e o saber. Vesentini (2008, p.41) afirma que

[...]seu ponto de partida e sua base é uma relação dialética (e dialógica) entre a realidade e o saber. Realidade tanto do aluno (sua faixa etária, seu potencial, seu desenvolvimento psicogenético, sua situação e interesses existenciais) quanto do seu meio imediato (cidade, meio rural), da sociedade nacional e do espaço mundial. E saber como explicação da realidade, oriunda tanto da leitura de obras escritas, leitura crítica na qual o texto num certo sentido é recriado ou refeito pelo leitor, quanto de pesquisas/observações/entrevistas/reflexões a partir de aspectos desse real.

Segundo o mesmo autor, nessa relação dialética (e dialógica) entre o saber e o real, entre outros motivos,

[...] não se deve privilegiar nem a realidade em si e para si, nem o conhecimento como luz que racionaliza esse real — idéia e mundo objetivo, tal como sujeito e objeto,

devem ser compreendidos como elementos interligados e indissociáveis nos quais há influências recíprocas e um não pode ser explicado sem o outro [...] (VESENTINI, 2008, p. 41).

Seguindo essa linha de pensamento, na prática da Geografia Crítica escolar não existe um modelo pré-estabelecido. O modo de ensinar se encontra em constante transformação, renovação e criação para a construção de um conhecimento que não está pronto, mas necessita de uma atualização constante e uma relação dialógica construtiva entre professor e aluno, na reflexão entre o pensamento e a realidade.

Os equipamentos tecnológicos e de informação estão cada vez mais presentes em nosso dia-a-dia, tais como: aparelhos de videogames, computadores e *smartphones* com acesso a internet, TVs, vídeos, câmeras fotográficas e filmadoras, dentre outros. Eles são capazes de transmitir e receber informações de forma rápida e em tempo real. Tudo isso acaba por desviar a atenção dos alunos, causando total desinteresse em aulas que não acompanham a nova realidade da sociedade atual. O uso dessas tecnologias, sem nenhuma finalidade a não ser entretenimento, pode afetar o ensino de forma negativa. Um dos maiores desafios educacionais da atualidade é fazer com que os alunos se interessem pelos temas tratados nas aulas, normalmente, ministradas de forma convencional com o uso de material impresso, quadro e giz. Ao professor, cabe mediar e orientar o uso desses aparelhos no processo de ensino-aprendizagem para promover a interação dos alunos com os conteúdos e despertar novos olhares, curiosidade e motivação.

O uso das novas tecnologias traz possibilidades e desafios. Dentre os principais desafios estão a escolha do momento e conteúdo adequados e a capacidade de driblar as barreiras institucionais e materiais da unidade escolar. Mesmo nas situações em que a escola não dispõe de equipamentos adequados, o uso de aparelhos celulares com câmeras (fotográfica e filmadora) dos próprios alunos pode ser uma alternativa a favor do processo de ensino-aprendizagem.

A massificação do uso das tecnologias depende da criação de políticas públicas o que, de acordo com Almeida (2008), só irá acontecer quando os governos se conscientizarem sobre a importância dessa ação. A inserção de novas tecnologias no ensino se coloca como possibilidade para melhorar a qualidade do processo de ensino/aprendizagem. Desde os anos de 1980 e 1990 vem se falando sobre o movimento de renovação do ensino no Brasil, a partir da capacitação docente e a possibilidade de acesso a novas metodologias ligadas ao movimento, mas de acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), as pesquisas feitas junto aos professores demonstravam que a impossibilidade de mudanças estava diretamente ligada às péssimas condições de trabalho oferecido pelas escolas, ao elevado número de horas que se viam obrigados a cumprir e ao grande número de alunos em sala de aula. Tudo isso se acentua com a questão dos salários baixos que dificulta a permanente atualização do professor.

Tendo em vista que muitas dificuldades cercam o trabalho do professor em sala de aula, tais como a falta de formação continuada, as péssimas condições de trabalho, os baixos salários, a carga horária excessiva, etc. destacamos ao longo dos Estágios, a dificuldade em dinamizar as aulas de Geografia, o não uso dos recursos didáticos disponíveis, tornando assim a aula monótona, sem estímulo, um momento estressante pelo qual o aluno tem que passar. Com base nessas observações sentimos a necessidade de trabalhar durante os Estágios na perspectiva de dinamizar mais as aulas de Geografia, com base principalmente no uso dos recursos didáticos. (ARAÚJO; RIBEIRO; BARBOSA. 2010, p.1-2).

Ao analisar o uso de novas tecnologias no ensino partindo-se da perspectiva de Lev Vygotsky (2012), é possível fazer uma relação com o vídeo como um meio tecnológico e cultural mediador do conhecimento e instigador da criatividade com a presença do “novo” em sala de aula. Flores et al. (2010, p.4), fala sobre isso:

Esses “novos caminhos” para o ensino podem estar relacionados ao uso de instrumentos mediadores entre as informações e a compreensão do educando para com essas. Esses instrumentos, essencialmente culturais, aqui são definidos como materiais didáticos (tais como filmes, músicas, poesias, reportagens jornalísticas, livros de literatura etc.) tendem a aproximar a linguagem escolar utilizada no trato com os conhecimentos científicos e a linguagem cotidiana dos alunos, facilitando assim a relação de aprendizagem.

Como visto, para alcançar níveis satisfatórios de aprendizagem no contexto sociocultural atual é importante que ocorra a qualificação do corpo docente no sentido de adotar metodologias de ensino que não estejam centrados nas tradicionais aulas expositivas e a leitura do livro didático. Não se trata de defender que o uso do livro didático seja o único motivo da recorrência da abordagem tradicional utilizada pelo professor, muito pelo contrário, “se com o livro didático o ensino no Brasil é sofrível, sem ele será incontestavelmente pior.” (FREITAG; COSTA; MOTTA, 1989, p. 128). Trata-se de defender a diversificação da metodologia e dos recursos didáticos de forma a aproximar os temas tratados ao cotidiano dos alunos.

Partimos do pressuposto que a Geografia na educação básica busca capacitar os alunos a compreender a relação da sociedade com o espaço através do uso de categorias de investigação como lugar, região, paisagem, território. A utilização de conceitos, categorias e temáticas incomuns a vivência do aluno pode ser acompanhada de imagens para facilitar o aprendizado, visto que muitos alunos não conhecem outro lugar que não seja o de moradia.

Nesse sentido, o vídeo adquire a função de possibilitar a interpretação do meio, de modo que se tenham novas leituras do espaço de acordo com a percepção de cada um e a construção do saber de forma coletiva. O diálogo da Geografia com o vídeo pode proporcionar além da imagem, o movimento e os sons provocando a sensibilização dos alunos. É o momento em que o aluno coloca-se no lugar, naquele

momento histórico ao qual não participou, mas que se faz importante conhecer para entender o momento em que estamos hoje e tentar prever um futuro próximo. De acordo com Moram (2004, p. 27-35),

O vídeo parte do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexe com o corpo, com a pele nos toca e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente. Pelo vídeo sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos.

O vídeo tem o poder de enriquecer a visão dos alunos com imagens, muitas vezes nunca vistas antes (talvez já vistas, porém não com um olhar crítico), provocar sentimentos, reações mais diversas, identificação. Esta última, onde o aluno se vê numa imagem como um espelho, se encontra e às vezes muda de opinião ao pensar criticamente sobre um assunto em que já possuía um pré-conceito.

Moran (1995) considera que o vídeo aproxima a sala de aula da realidade dos alunos no interior da sociedade urbana, mas também introduz novas questões. Mas para que ocorra o verdadeiro aprendizado é preciso que o professor se atenha a certos cuidados e use critérios adequados. Segundo o autor, ao utilizar o vídeo de forma inadequada, seja para preencher uma aula vaga ou vídeo sem questionamentos, sem nenhum tipo de discussão, o professor acaba por desvalorizar seu uso. Os objetivos para o uso do vídeo devem ser claros: quais são os conhecimentos que eu quero que os alunos adquiriram? Quais os pontos que desejo levantar e aprofundar com a exibição deste?

A utilização desses instrumentos, porém, não pode estar desvinculada aos trabalhos de planejamento e avaliação do ensino. Planejar é, antes de qualquer coisa, decidir. As decisões vinculadas ao planejamento e uso dos instrumentos são de fundamental importância para a constituição de algum método de ensino que propicie qualidade no ensino. (FLORES et al. 2010, p.4).

Também deve existir um cuidado ao levar certos recursos, inadequados ao uso, pois pode acontecer algo que venha impedir o desenvolvimento de uma aula com este. Acontecimentos imprevistos como a quebra de aparelhos, uso para outras atividades colocam o professor diante de situações embaraçosas. Diante de uma situação como essa, o que fazer? Suspender a aula? Improvisar? Não, o professor deve ministrar uma aula sempre com um plano reserva, para no caso de acontecer algo inesperado a aula possa ser conduzida de outra forma para não prejudicar os alunos.

APRODUÇÃO DE VÍDEO CRIATIVO PELOS ALUNOS: O CAMINHO METODOLÓGICO

Este artigo foi realizado de acordo com a concepção socioconstrutivista do ensino de Geografia, conforme abordado por Cavalcante (2006). Consideramos que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer através da construção de conhecimentos pelo aluno. Segundo a autora,

O aluno é sujeito ativo de seu processo de formação e de desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel de mediador do processo de formação do aluno; a mediação própria do trabalho do professor é a de favorecer/propiciar a interação (encontro/confronto) entre o sujeito (aluno) e o seu objeto de conhecimento (conteúdo escolar). (CAVALCANTE, 2006, p.67).

Seguindo essa concepção deu-se início a pesquisa sobre a produção de vídeo pelos próprios alunos. Essa proposta segue a abordagem qualitativa, utilizando-se de técnicas de estudo com documentação direta e indireta.

No sentido de alcançar os objetivos propostos, inicialmente realizamos a busca de documentação bibliográfica que aborde a temática tratada. Posteriormente, buscamos produzir documentação direta, através da Pesquisa de Campo no espaço escolar, com o objetivo de reunir informações em busca de respostas em torno da relação dos observados com o tema aqui abordado, no caso a produção de vídeo. Os estudos exploratórios no campo, que segundo Marconi e Lakatos (2007), têm como objetivo, a formulação de questões ou problemas com a finalidade de desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno ou clarear conceitos, foi utilizado na sala de aula juntamente com o uso de observação, entrevista e uso de questionários para obtenção de dados.

O 7º ano do Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis, instituição da rede pública de educação, situado no centro da cidade de Mineiros no Sudoeste de Goiás, foi à área de estudo deste trabalho.

A investigação no campo escolar ocorreu durante o segundo semestre de 2013, sucedendo-se em cinco etapas: Análise dos documentos da escola, para obtenção de dados da área de estudo; observações das aulas do 7º ano (sala em que foi desenvolvido o projeto); realização de entrevista com a professora de Geografia; aplicação da metodologia em questão, a produção de vídeo pelos alunos e aplicação de questionário, no sentido de avaliar a eficácia da metodologia no processo de ensino aprendizagem.

Após reunir essas informações, foi desenvolvida uma proposta de atividade de ensino relacionada ao processo de instalação das agroindústrias no Estado de Goiás, conteúdo pré-estabelecido pela professora, seguindo o Currículo de Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás. A atividade em questão consistiu na realização de uma aula sobre a temática, com a intenção de introduzir o conteúdo e debater sobre as consequências positivas e negativas do processo de instalação das agroindústrias no Estado de Goiás, focando esse processo na cidade de Mineiros. Para isso, nos baseamos em Garcia e Garavello (1992), no livro *Geografia do Brasil: dinâmica e contrastes*, em Rolnik (2004), no livro *O que é cidade*, em Silva (2005), no livro *Dilemas Urbanos, novas abordagens sobre a cidade*, além de artigos referentes a esse processo de agroindustrialização no sudoeste do estado de Goiás.

Essa nova forma de atuação dos alunos com o uso do vídeo foi acompanhada de uma análise e debate entre eles e os professores com vistas a identificar os aspectos positivos e negativos. Pensando assim, buscou-se introduzir o conteúdo de forma que os alunos pudessem compreender as transformações socioculturais, econômicas e ambientais decorrentes desse processo, além das consequências positivas e negativas para a sociedade local. A intenção inicial foi levar os alunos a perceberem que o processo descrito pelo material didático e estudado por eles acontecia no espaço de vivência, que a sua cidade, seu bairro, seus vizinhos e parentes eram participantes do processo analisado.

Após o debate sobre o tema, os alunos foram divididos em cinco grupos e instruídos a elaborar um vídeo sobre a temática tratada, com a intenção de instigá-los na construção do conhecimento. Esses vídeos poderiam ser construídos com as ferramentas que eles já possuíam como câmeras digitais ou até mesmo de celular. Os alunos foram orientados sobre o que deveriam buscar no município e as formas de procedimentos para a filmagem, como a captura de impactos físicos no ambiente, poluição sonora, do ar e da água causadas pelas agroindústrias, crescimento desordenado em alguns pontos da cidade e infra-estrutura precária, a construção de novos bairros e a segregação espacial urbana.

Eles foram orientados também, sobre a possibilidade de entrevistar pessoas diretamente envolvidas com o processo, como: comerciantes a respeito da dinamização da economia local, moradores antigos da cidade sobre as consequências boas e ruins do aumento relativo da população. Após o prazo determinado, os vídeos foram coletados e editados para melhor visualização das imagens. Na aula seguinte, os alunos foram encaminhados para a sala de vídeo e assim deu-se início a apresentação dos vídeos.

Ao final de cada um dos cinco vídeos passados foi orientado ao grupo em questão que explicassem os motivos que os levaram a filmar tal contexto no interior do município ou o que os motivaram a entrevistar pessoas de determinados segmentos da sociedade, de forma interativa com o restante da sala.

Após a realização da mostra dos vídeos e do debate sobre eles, foi aplicado um questionário para obtenção de dados sobre a eficiência dessa ação no ensino-aprendizagem de Geografia em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as observações na unidade escolar analisada notamos que os alunos eram dispersos e extremamente desinteressados nas aulas. As aulas, em situações normais, compreendem basicamente a aulas expositivas e ao uso do quadro negro para passar conteúdos. Na entrevista, a professora atribui as dificuldades de se trabalhar com metodologias diversificadas à falta de equipamentos e estrutura adequada da

escola e ainda comenta sobre a inexistência de uma capacitação voltada para o uso de tecnologias pelo professor.

É preciso destacar que os professores são diariamente desafiados a cumprir uma carga horária excessivamente extensa e estafante, desmotivando-os no planejamento de aulas diversificadas. Superar esse quadro é uma tarefa necessária para melhorar a qualidade de ensino.

Durante a passagem dos vídeos produzidos pelos alunos e as justificativas sobre o que os levaram a filmar tal contexto no interior do município ou o que os motivaram a entrevistar pessoas de determinados segmentos da sociedade, pode ser observado que os alunos estavam extremamente curiosos e cheios de dúvidas e questionamentos.

Nesses momentos de discussão do grupo sobre o que buscaram filmar e o que tiveram como resposta durante a filmagem, foi dada abertura para o restante da sala questioná-los e contestá-los, dando exemplos diferentes da mesma situação, dessa forma abriu-se um grande diálogo onde todos participaram democraticamente e ativamente superando as expectativas iniciais do projeto.

Os vídeos provocaram risos, descontração, mas também a construção de conhecimento, intimamente ligado ao universo particular dos alunos e do que eles conhecem como sociedade, ou seja, do que eles entendem de forma direta e real por relações dinâmicas e contraditórias de uma população. São essas as relações que os alunos precisam entender para se encontrarem como cidadãos do mundo. É esse o papel da Geografia, proporcionar a ponte entre conteúdos formais e a vivência dos alunos.

Após a aplicação da metodologia quando questionados sobre a experiência de produção de vídeo 74% dos alunos escolheram a opção “muito bom”. Assim, a percepção dos alunos deixa claro que a experiência não só foi bem recebida pela maior parte da turma como também integrou a vontade de aprender o conteúdo e conhecer mais sua realidade, além de proporcionar diversão, união e cooperação entre os alunos.

O que mais se destacou na fala dos alunos foi a possibilidade de conhecer mais sobre o local em que vivem, saber o que está bom e o que está ruim, e como se pode melhorar. Relataram que aprendendo o conteúdo “mais de perto” e tendo exemplos da própria cidade onde moram, torna o aprendizado de Geografia mais fácil. Também citaram a questão da prática fora da sala de aula e a diversão em conjunto com os colegas, tudo isso os incentivou na produção de vídeo. Em suas justificativas, nota-se que eles são carentes de aulas diferentes e inovadoras que contemplem práticas diversificadas em sala de aula.

Portanto, entendendo todo esse contexto em que se encontra o ensino, e a importância do uso do vídeo como ferramenta tecnológica, seu uso pode se transformar

em uma prática eficiente na formulação de aulas que contemple um ensino-aprendizagem de qualidade. O uso dessa metodologia tem a capacidade de aproximar o conhecimento científico adquirido na sala de aula com a realidade do aluno, fora dos muros da escola.

No entanto, o uso de diferentes metodologias não pode ser vista como uma solução mágica às problemáticas do ensino-aprendizagem. O professor continua sendo a peça fundamental em sala de aula e deve ter a devida segurança na hora de conduzir o conteúdo, para isso deve sempre atualizar seus conhecimentos, de forma que possa caminhar para além do que é transmitido pelo livro didático.

Sabemos que existem dificuldades, as mais diversas, que perpassa desde as condições precárias em que se encontram os profissionais da educação, em particular os professores, a desvalorização da educação do país pelos governantes e a questão estrutural da escola, que não dispõem de equipamentos adequados. Aqui é colocado um desafio aos professores de Geografia, que estão realmente comprometidos com seu papel formador de cidadãos: agir sempre a favor da criatividade a fim de superar tal condição de inércia e mesmice do ensino.

BORGES, Juliana Faria. Teachers' Meaning Production on Indiscipline in Primary School and Relations to Life Pathways. *Educação em Revista*, Marília, v. 15, n. 2, p. 93-104, Jul.-Dez. 2014.

ABSTRACT: The increasing daily use of technological resources by students has been faced as one more cause for the failure of formal education. Such situation imposes the need of methodological solutions in the way to aggregate such resources as pedagogical tools. The present study consists on the execution of an alternative methodological proposition that aggregates the technological resources to the teaching procedures through the use of the video as a pedagogical tool, with the goal to make possible a bigger interest and interaction in the Geography classes and, consequently, to increase the students' knowledge about the space in which they are inserted. The study demonstrated that the adopted methodology permitted the use of technological resources available to a considerable part of youngster's population and was sufficient to proportionate a larger interest and participation of the students in the analyzed situation. The use of the proposed methodology starting with the use of the video as a pedagogical resource associated to the student's life experience, when it is well planned by the teacher, can become a motivator and innovator way able to improve teaching quality.

KEYWORDS: Methodology .Technological Resources. Teaching. Geography

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rachel Vieira de; RIBEIRO, Camila Meneses Lima; BARBOSA, Maria Edivani Silva. A experiência no estágio curricular e sugestões para tornar as aulas mais dinâmicas e interativas. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre, 2010. p. 1-2. Disponível em: <www.agb.org.br/evento/download.php?idtrabalho=2689>. Acesso em: 09 set. 2013.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcine de. Educação e tecnologias no Brasil e em Portugal em três momentos de sua história. *Educação, Formação e Tecnologia*, São Paulo, vol. 01, n.1, p. 23, maio. 2008. Disponível em: <www.eft.educom.pt/index.php/ef/article/download/19/11>. Acesso em: 09 set. 2013.
- CALLAI, Helena Copetti. O estudo do município ou a geografia nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al. (Orgs.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. 4 ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 1998. p. 77-82.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e a atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia. (Org.). *Educação Geográfica, teorias e práticas docentes*. São Paulo: Contexto, 2006. v. 5. p. 66-78.
- FLORES, Bárbara de Oliveira et al. Materiais didáticos: Alternativas á pratica de geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos*. Porto Alegre, 2010. p. 04. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2969>>. Acesso em: 15 set. 2013.
- FREITAG, Barbara; COSTA, Wanderly F. da; MOTTA, Valéria R. *O livro didático em questão*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 124-128.
- KAECHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib;
- OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. (Orgs.). *Geografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 230.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.p. 176-216.
- MORAM, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação & Educação*, São Paulo (SP): ECA, p. 27-35, Janeiro/Abril. 1995. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/vidsal.htm>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- MORAN, José Manuel. Conhecimento local e conhecimento universal: Diversidade, mídias e tecnologias na educação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. *Anais do 12º Endipe*. vol. 2, Curitiba, Champagnat, 2004. p.245-253. Disponível em: <www.eca.usp.br/moran/espacos.html>. Acesso em: 20 ago. 2013.
- PONTUSCHKA, Nídia; PAGANELLI, Tomoko; CACETE, Núria. *Para ensinar e aprender geografia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 39-67.
- SOUZA, Thiago Tavares de; PEZZATO, João Pedro. A geografia escolar no Brasil, de 1546 até a década de 1960. In: GODOY, Paulo R. Teixeira de. (Org). *História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 70-89. Disponível em: <books.google.com.br/books?isbn=857983127X>. Acesso em: 10 set. 2013.

VESENTINI, José William. *Para uma Geografia Crítica na Escola*. São Paulo: Editora do Autor, 2008. p. 32-51. Disponível em: <<http://geocritica.com.br/Arquivos%20PDF/LIVRO01.pdf>>.

VYGOTSKY, Lev. *Imaginação e criatividade na infância*. Ensaio de psicologia, Lisboa: Dina livro, 2012. 160 p.